



UNICAMP

EVENTO: Óperas de Mário e Oswald de Andrade

VEÍCULO: Folha de São Paulo

DATA: 15 fev 95

PÁGINA: 5-9

SEÇÃO: Ilustrada



Óperas unem Oswald e Mário de Andrade

MÚSICA

JOÃO BATISTA NATALI

Da Reportagem Local



Mário, autor de 'Café'

Dois escritores do modernismo paulista terão este ano estréias póstumas de trabalhos que certamente não esperavam ter encenados numa cena lírica.

Oswald de Andrade (1890-1954) publicou em 1922 o romance "Alma", espécie de crônica do submundo da prostituição paulistana no início do século. Já nos anos 80, o compositor Claudio Santoro (1919-1989) transformou o texto em livreto e concebeu a música para a ópera.

Quanto a Mário de Andrade (1893-1945), ele concebeu a peça "Café" já como espetáculo lírico. A crise de 1929 é retratada por um conjunto de coletivos de personagens, como os estivadores e os vendedores santistas. O escritor che-

gou a propor que Radamés Gnattali (1906-1988) se encarregasse da música, mas o projeto acabou morrendo no caminho.

O texto foi parar em mãos do musicólogo Hans Joachim Koellreuter, 81, que escreveu a partitura e com isso permitiu a encenação cantada de um texto que até hoje permaneceu como mero objeto de curiosidade para grupos amadores mais excêntricos, que o encenavam como peça de teatro.

Por detrás dessas duas obras está o diretor cênico, editor e tradutor Fernando Peixoto, que dirigirá "Alma" a partir de setembro e "Café" entre setembro e outubro.

Essa é, em suma, a boa notícia. A má notícia está no fato de nenhum dos dois espetáculos estar com programação prevista para São Paulo.

A ópera escrita por Mário de

Andrade será produzida pela Secretaria da Cultura de Santos, na agenda de espetáculos que comemoram os 450 anos da cidade.

Quanto à transcrição operística do romance de Oswald, ela estreará no Teatro Carlos Gomes, do Rio, com o patrocínio da Funarte (governo federal) e da Secretaria Municipal da Cultura. A montagem irá em seguida para Manaus.

Fernando Peixoto não é um estreante no ramo. Dirigiu no Municipal de São Paulo "Werther", de Massenet (1979), "Wozzeck", de Alban Berg (1982) e "O Navio Fantasma", de Wagner (1984).

O tamanho do desafio é agora proporcional à complexidade que os dois textos do modernismo paulista apresentam.

"As cenas em 'Alma' são curtíssimas, com a mudança abrupta de cenários e cortes que se suce-

dem como se a linguagem fosse cinematográfica", diz Peixoto.

No caso de "Café", a maior ousadia consistiria em montá-la no cais do porto ou num dos armazéns de mercadorias. A idéia foi descartada por problemas acústicos. Mas continuará, no palco, lembrando o teatro grego.

"Os personagens coletivos falam e se movimentam como coros. Há como única exceção a Mãe do Povo, que deverá ser cantada pela soprano Margaret Schackt."

Os demais papéis para as duas montagens ainda não estão definidos. Já há definição, no entanto, quanto à direção musical.

Em Santos, "Café" será dirigida pelo próprio Koellreuter. "Alma" deverá ter dois maestros, Ricardo Prado e Luís Fernando Malheiro, e a cenografia será feita por Hélio Eichbauer.



Oswald, que escreveu 'Alma'